

Igreja de São Pedro dos Clérigos do Recife

O período que compreende o último quartel do século XVII e o primeiro do seguinte é marcado, no Recife, por uma série de novas construções religiosas. Na Ilha de Santo Antônio, onde a maioria dessas construções principiam a serem elevadas, o quadro se apresenta bastante animador: a Igreja dos Franceses, que serviu aos flamengos, é substituída pela dos jesuítas, dedicada à Nossa Senhora do Ó; os frades carmelitas do Recife, após uma luta que durou vários anos, vencem a proibição real e iniciam seu convento, estando a obra bem avançada; nas proximidades do rio, hoje Rua Nova, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares está também principiada; o Convento de Santo Antônio se reformula, ganhando a construção primitiva novas dimensões.

Tôdas essas casas religiosas balizam o crescimento daquela Ilha e vêm continuar a tradição de monumentalidade das que foram erigidas em Olinda desde a penúltima década do século XVI até a invasão holandesa. Caracterizam essas e aquelas construções uma grandiosidade que contrasta sensivelmente com o restante das edificações

da Vila do Recife e da Cidade de Olinda. São edifícios religiosos cujas dimensões fazem lembrar as dos maiores monumentos da metrópole e nos conduzem, através do desejo de monumentalidade já referido, aos que foram construídos na Índia Portuguesa.

Excetuando-se apenas dos citados o Convento de Santo Antônio, onde a igreja atual, acomodando a antiga como capela-mor da nova, ampliou, em menor escala, o espaço interior da igreja inicial; o convento anexo, embora também aumentado, respeitou as novas dimensões da igreja.

Entre as igrejas iniciadas no segundo quartel do século XVIII se encontra a de São Pedro dos Clérigos.

Existindo desde o ano de 1700, somente em 1719 é que a Irmandade dos Clérigos, sob a proteção de São Pedro, resolve construir a sua igreja. Para concretizar tal decisão adquirem uma horta e seis casas na Rua das Águas Verdes. A escolha reflete bem a importância da antiga Ilha de Antônio Vaz, naquele principiar de século. Nove anos depois, em 1728, decidem os irmãos iniciar a sua igreja. Os planos foram feitos pelo pedreiro, depois arquiteto, Manoel Ferreira Jácome, recebendo, na ocasião de ser aprovado, parecer favorável do Tenente General João Macêdo Côrte Real, do Sargento-mor Diogo da Silveira Velloso e do Capitão Francisco Mendes.

Solenemente, no dia 3 de maio do mesmo ano, é lançada a pedra fundamental. No ano seguinte temos notícias de que a Capela-mor está concluída. Dois anos depois, 1731, trabalha-se no corpo da igreja, acabado em 1759. Logo a seguir se concluem as torres. No mês de junho de 1764, contrata a Irmandade a pintura do fôrro de madeira, em abóbada, da nave, com o pintor João de Deus Sepúlveda.

No último quartel do século, 1782, é consagrada a igreja. Um ano antes tinha sido inaugurada a sacristia. Mas, a igreja não estava pronta de todo. Assim sendo, em 1784, é dourado o altar-mor pelo artista Inácio Melo Albuquerque.

No século XIX, em 1860, se inicia a renovação da obra de talha, quase toda perdida, e altares, inclusive o da capela-mor, com retábulos já neoclássicos, são confeccionados para o templo. No dealbar desse século foram realizadas as sanefas e guarda-corpos das janelas da nave pelo entalhador Felipe Alexandre da Silva. De meados do mesmo século deve também datar a reforma do restante da Capela-mor. O aspecto atual da Igreja de São Pedro não é de todo o seu primitivo. As obras, executadas por quase um século, foram recondicionando o interior e exterior do templo, modificando, embora não sensivelmente, o projeto inicial do arquiteto Jácome. Mesmo depois da sua restauração pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através de seu 1.º Distrito, alguma coisa restou que interfere ainda na idéia original. No exterior, felizmente, quase nada foi al-



UNIVERSITAS

Fachada da Igreja de S. Pedro dos Clérigos



FOTO ARQUIVO UNIVERSITAS

Portal de S. Pedro dos Clérigos



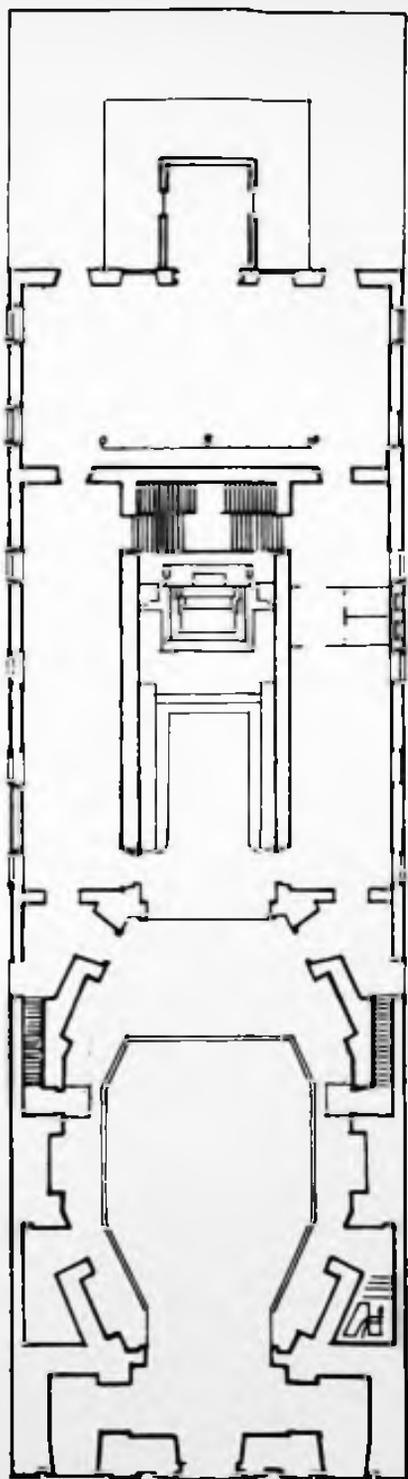
UNIVERSITAS

Interior da Igreja de S. Pedro



UNIVERSITAS

S. Pedro dos Clérigos: pintura do ferro.



Planta de S. Pedro dos Clérigos (Levantamento de Paulo Santos, in *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*. Rio, 1951).

terado, mantendo-se as fachadas relativamente intactas. No interior, entretanto, os altares não são os originais; os guarda-corpos, hoje assentes nas taças das janelas, eram primitivamente torneados; o côrno intercepta a verticalidade do espaço entre as tôrres, se bem que hábilmente engastado, e também não é do projeto; a capela-mor foi reformada no século XIX, mais de cem anos depois de iniciada a obra.

Com êsses esclarecimentos, poderemos, reconstituindo, pela eliminação teórica dos elementos assinalados, o interior e o exterior da Igreja, tecer considerações sôbre a arquitetura da mesma.

Ao projetar a Igreja de São Pedro dos Clérigos, em 1728, Manoel Ferreira Jácome continuou mantendo aquela diretriz de monumentalidade assinalada e que, no Recife, já se tinha fixado com tanto vigor nas igrejas do Convento do Carmo, da Madre de Deus e de Nosso Senhora do Ô, hoje Espírito Santo.

Ao definir o espaço interior e a volumetria da Igreja dos Clérigos, o mestre Jácome fez uso de uma solução original e que resultou da feliz associação de uma forma já consagrada a outra tradicionalmente bem pernambucana. Assim, o espaço interior, de planta octogonal, dominante, da nave, é envolvido por uma caixa, prisma de base retangular, que não deixa perceber no exterior a forma poligonal do interior.

A definição arquitetural dêsse interior resultou da anexação de um prisma de base octogonal, irregular, a dois outros prismas que se formaram tendo por base a planta baixa do intervalo entre as tôrres e a da capela-mor, respectivamente. Todos êsses prismas foram coroados por abóbadas de berço, de intersecção e de arestas, dando como soma um espaço interno já identificado com o barroco.

O espaço geométrico do corpo da igreja é um reflexo de outros anteriormente construídos no Brasil. Embora em escala bem menor o vemos ser utilizado na capela de Tatuapara, Casa de Garcia D'Ávila, na Bahia, no século XVII, e também em menores dimensões na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, de 1714, no Rio de Janeiro. Em ambas o tratamento plástico do interior difere do de São Pedro, apenas lembrando esta igreja no caráter geométrico-espacial.

Ao criar o espaço interior de São Pedro, o arquiteto pernambucano se antecipou ao plano de Nasoni para a dos Clérigos do Pôrto, de 1731. É necessário frisar, entretanto, que a igreja portuguesa referida se encontra nitidamente filiada àquelas erigidas na Alemanha e Austria barrôcas, como sejam as igrejas de São Pedro de Viena, de Lucas Von Hildebrandt, Santa Trindade, Salzburgo, de Fischer Von Eslach, de 1694, e Weltenburg, dos irmãos Assam, de 1717.

Tôdas relacionadas perfeitamente com a linguagem decorativa da obra nasoniana. Em Portugal outras igrejas também fazem uso

dêsse espaço prismático octogonal, porém, de forma bem diversa da usada em Pernambuco, haja vistas a Igreja de São João Batista de Campo Maior, no Alentejo, a igreja de Bom Jesus da Cruz, em Barcelos, e principalmente a inacabada Igreja do Menino Deus de Lisboa, de 1710.

Ao tangenciar a forma interior com o limite exterior da edificação, o mestre pernambucano eliminou os corredores que ladeiam a nave, separando, como faz Lucas Von Hildebrandt, em São Pedro de Viena, os acessos à sacristia dos acessos verticais às tôrres. Assim, com êsse tangenciamento, a luz natural vem penetrar, quase diretamente, no interior da nave, pelas laterais, e de forma total pela grande janela do frontispício. Ladeando a capela-mor com corredores em dois andares amplia a iluminação indireta das tribunas introduzindo, acima do telhado dêsses corredores, quatro grandes óculos junto à abóbada de arestas, solução que lembra a já configurada, provavelmente, no Carmo do Recife e em São Bento de Olinda.

Todos êsses artifícios dão ao interior uma iluminação natural bem equilibrada. Desde algum tempo, quando foi introduzido, o côro intercepta parte dessa luz prejudicando o corpo da igreja.

Em um gôsto fiel ao Maneirismo, vincado no uso ainda largo dos tratados de arquitetura, o arquiteto define os elementos de modulação e modenatura de todo o edifício. Fidelidade maneirista que dá continuidade de estilo às formas arquitetônicas empregadas nas igrejas, anteriormente citadas, de Nossa Senhora do Carmo, Madre de Deus e de Nossa Senhora do Ó, suas contemporâneas em criação e ligadas à ação construtiva de Antônio Fernandes de Matos, em cujo canteiro de obras teria tido Jácome sua formação. Uma tônica proto-barroca, ou se quisermos chamar maneirista, envolve todos êsses edifícios pernambucanos de um período no qual já se devia falar barroco.

Através de uma linguagem simples, desenvolvida a partir da estabelecida pela fórmula arcada que envolve altar e retábulo, que é encimado por uma tribuna com varanda, é modulado o corpo interior da igreja. Interior que se compõe simetricamente segundo dois eixos octogonais que se cruzam no centro da nave. Dêste modo o jôgo dos elementos simétricos provoca a repetição do arco-cruzeiro na entrada e espelha uma lateral na outra. É interessante a solução adotada pelo arquiteto para o engaste nos dois lados opostos do octógono, do púlpito, onde o mérito reside no equilíbrio plástico obtido pela oposição do vazio onde se situa o retábulo, ao branco da parede somada a massa do mesmo púlpito. Também bem compostos são os demais panos de parede onde se têm as portas de acesso às tôrres e aos corredores que conduzem à sacristia. Da composição dêsses trechos resultou uma linha ascendente, formada por êsses acessos e as tribunas dos dois andares, que nos conduz à um verticalismo apenas interrom-

pido pelo primeiro entablamento que corta a nave, horizontalmente, na altura do nascimento dos arcos da capela-mor e da entrada. O segundo entablamento, que vem corresponder ao nível da chave dos arcos referidos acima, envolve o octógono dando nascimento à abóbada de madeira. Tal partido arquitetônico descrito acima evoluiu daquele utilizado no interior da Igreja do Carmo do Recife. Do confronto das perfilaturas utilizadas nesses dois templos se conclui por uma enorme semelhança que nos leva a uma mesma fonte os receituários de arquitetura.

No exterior mantém o Mestre Jácome a mesma verticalidade que caracteriza o interior.

Na composição da fachada principal, ao lançar as pilastras intermediárias e os cunhais das tôrres, não interrompe-as, lembrando, com êsse artifício, os contrafortes medievais, traduzindo assim, ao lado de fora da edificação um goticismo de que tanto se fala. Outrossim, a introdução das tôrres cujos alinhamentos laterais têm o mesmo distorcimento da sacristia, tangenciando o octógono da nave, condicionou um estreitamento do corpo central da fachada — o espaço entre as tôrres de igual largura da capela-mor que vincou mais ainda aquela característica verticalidade. Mais uma vez nos reportamos a soluções encontradas, sob o ponto de vista volumétrico, na Alemanha e Áustria barrôcas, a exemplo das igrejas de S. Juan da Roca — 1731 — Praga e a igreja do Convento da Misericórdia de Maria em Güssau — 1728 — Silésia.

Sôbre a parte central da fachada, entrada da nave, e nos trechos correspondentes às tôrres, dispõe o arquiteto uma série ascendente de envazaduras que não interrompe o verticalismo, mas pelo contrário, desde que as aberturas, à proporção que ascendem, vão diminuindo de dimensões, ainda aumenta mais.

A exemplo de igrejas portuguesas, o pórtico se prolonga e une-se, em composição única, magistralmente, com a janela alta, a qual evoca, por sua disposição, não pela forma, as rosáceas góticas.

Ressaltamos nesse pórtico o seu extraordinário equilíbrio, fruto de um encadeamento seguro entre os elementos que o compõem. De um rigor enorme, sob o ponto de vista modular, cada perfilatura nos conduz à verificação circunstancial de uma verdade que é a da composição da igreja — êle também teve como origem, no risco, os tratados de arquitetura. Nos tratados da época e na arte retabular, são comuns os riscos em que se faz uso da ordem coríntia, ladeando, em colunas gêmeas, uma arcada de meio-ponto e acima do entablamento um frontão aberto que vem abrigar uma janela. — Forma de compor que estilisticamente é ainda do século XVII e recua às obras maneiristas de fins do século XVI. São um exemplo desse tipo de composição alguns desenhos do século XVII, para confecção

de um provável tratado, hoje de posse do pintor servilhanho D. Juan Rodrigues Jaldon, onde relacionam-se com a igreja de São Pedro dos Clérigos os de ns. 25, 95 e 96, conhecidos através de edição recente de iniciativa do Conselho Superior de Investigações Científicas — Instituto Diego Velásquez — Sevilha — 1947 — Espanha.

Reflexo do uso desses tratados e fonte para o pórtico pernambucano são ainda os retábulos maneiristas, como o da Capela dos Navegadores de São Domingos de Viana do Castelo, de 1622, o da Igreja de Santo Antão de Évora, os Jesuítas do Pôrto e tantos outros em Portugal.

No Brasil, citaríamos os antigos retábulos da igreja jesuíta do Rio de Janeiro, do 1.º século, em Olinda, bem mais perto, os altares com retábulos de cantaria, das Igrejas da Graça e do Carmo, todos também maneiristas.

O coroamento das tôrres da Igreja de São Pedro, executado já na segunda metade do século XVIII, derivou provavelmente de Nossa Senhora da Lapa ou São Vicente, ambos os templos de Braga, e se liga a uma série de outros, cujos exemplos mais próximos geograficamente sendo talvez até contemporâneos, são os das igrejas de S. Bento de João Pessoa e Nossa Senhora da Conceição, em Olinda, em suas únicas tôrres. Depois o vemos ser ainda utilizados na igreja de S. Gonçalo, no Bairro da Boa Vista, Recife.

O frontão, com nicho, onde se encaixa uma imagem de corpo inteiro de S. Pedro, filia-se ao tipo usado nos conventos franciscanos, a exemplo de Santo Antônio, em Igarassu, Pernambuco. Entalado entre as tôrres é o do Recife ligeiramente desgarrado da composição de todo o frontispício.

Analisada a arquitetura, vamos dizer alguma coisa a respeito da obra de pintura da Igreja dos Clérigos.

Os tetos pintados, em composição que amplia ilusòriamente o espaço interior da construção, fazendo uso de perspectivas de arquitetura, são freqüentes na Itália desde a segunda metade do século XVII.

Em Portugal, no entanto, sòmente a partir da centúria seguinte é que eles vêm ser realizados com maior incidência. Nesse país os tetos anteriores a êsse estilo são dos tipos apainelados e em florões e devem-se, na realidade, ao italiano Vincenzo Baccarelli as primeiras pinturas daquele gênero em terras portuguesas.

No Brasil os tetos com aquela característica formam, no século XVIII, um núcleo de grande interêsse na Bahia. A pintura de tetos baiana, possuindo mestre da categoria de José Joaquim da Rocha e outros, que, "pintando diretamente sòbre o tabuado do fôrro representações de santos e glória, rodeados de largas beiradas de arquitetura fantástica", vêm exercer sua influência até à Paraíba, onde,

em João Pessoa, a vemos constatada nos tetos de madeira que ornaram o Convento Franciscano, Igreja da Ordem Primeira e Casa de Oração dos Terceiros.

Esses tetos derivam todos dos pintados por Baccarelli e por outros artistas já portugueses que lhe sucederam e se identificam, como dissemos, pelo largo emprêgo no escôrço de misulas, e outros elementos arquitetônicos tais como: arcadas, balcões, colunatas, cúpulas, balaustradas, amarradas a uma perspectiva central cenográfica, onde também se incluem figuras humanas e medalhões. No centro da estrutura ilusória se revela o céu onde, em glorificação, se introduz o Santo, orago da igreja ou tema correlato.

Entre os tetos portugueses, e italianos, se distinguem aquêles em que predomina um maior número de elementos arquiteturais, os quais, desenhados em perspectiva central, requerem maior conhecimento cenográfico do artista. Em Portugal o teto de Nossa Senhora da Pena, Lisboa, de Antônio Lobo, discípulo de Baccarelli, é um bom exemplo desse tipo, na Itália citaremos os de P. Pozzo.

Em Pernambuco são raros os tetos desse gênero ilusório. A maioria se enquadra na fórmula portuguesa do apainelado, e alguns, com florões, são pintados diretamente nas abóbadas de alvenaria, tipos que se casam bem com a arquitetura predominantemente maneirista de nossas construções.

Entre os tetos existentes em nosso Estado e tratados em perspectiva se encontra o de S. Pedro dos Clérigos.

Uma abóbada de madeira de grande dimensão é entregue em 1760, ao pintor João de Deus Sepúlveda. Nela o pintor cria em perspectiva central um espaço ilusório, com elementos arquitetônicos de uma linguagem eminentemente barrôca de teor romano. Um teto "à romana", como se poderia dizer naquele século. Em um escalonamento de formas arquiteturais se amplia pictoriamente o interior da igreja — são os balcões e arcadas que se superpõem e que ao se sucederem atingem no último andar uma varanda recortada em curvas que deixa lugar não para o céu tão comum às pinturas portuguesas e italianas, mas à representação de S. Pedro, em majestade, abençoando, no interior de uma sala, os fiéis, conclusão não muito feliz sob o ponto de vista cenográfico e em verdadeiro contraste com o intôrno da perspectiva. No fôrro de São Pedro a composição é simétrica segundo os eixos octogonais da abóbada e tem um crescendo das arcadas no sentido da maior largura da abóbada — deformação a que se obrigou o artista devida à irregularidade do octógono. Tôda a gramática empregada é bem de acôrdo com o que se realizava na Europa naquele período e a pintura se assemelha com a dos melhores discípulos de Baccarelli, embora Sepúlveda se ressinta de certas correções de desenho. Na paleta, o mestre de Pernambuco se identifica

entretanto com a nossa região pelo emprêgo de tons vermelhos escuros e terras em uma escala cromática tão afim com o restante de nossa pintura do barroco, essencialmente a pernambucana. Há, entretanto, uma dissociação acentuada entre o real e o ilusório da pintura, entre o estilo maneirista do corpo do templo e a arquitetura barrôca representada na perspectiva. Desta forma, não se sente, como ocorre nos interiores barrocos alemães, uma continuidade entre a decoração, a arquitetura da igreja e o espaço, ampliado, ilusório, da pintura — uma continuidade das partes conduzindo a um todo — a essência do barroco — onde a decoração e a cenografia tendem a se misturar entre a realidade e a ilusão com margem mínima que pode facilmente refugiar no irreal, pretexto e aparência.

O pintor João de Deus Sepúlveda teve, pelo que se depreende unicamente de sua obra conhecida, formação em convívio com obras do princípio do século XVIII em Lisboa, ou talvez tenha se realizado no mesmo atelier dos pintores baianos. (Embora sua pintura se distancie sensivelmente das baianas.) As notícias são vagas a respeito dos trabalhos dêsse artista em Pernambuco, as obras atribuídas ao mesmo em outros templos do Recife não fazem sentido, e é possível que, diante da restauração do antigo fóro pintado da igreja do Carmo, dessa cidade, se possa, pela já semelhança sentida, nos primeiros elementos postos à luz, com a pintura de São Pedro, essencialmente pela escolha das côres, melhor avaliar o caráter evolutivo e estético dos trabalhos dêsse insigne mestre.

Embora a obra de talha dos atuais retábulos não seja a primitiva, torna-se necessário dizer algumas palavras sôbre o seu estilo.

Executados em meados do século passado, os retábulos se enquadram no gôsto neoclássico dominante, naquele período artístico, nos nossos templos. São de boa talha e não afetam sensivelmente, agora tratados em decapé, o restante do interior da igreja. Com relação ao altar-mor, resultado do aproveitamento de restos do anterior, sua linguagem é híbrida e a somatória das partes não foi das mais felizes. Encontrava-se também pintado de branco quando foi restaurado pela DPHAN. Neste retábulo peças ainda rococó se mantiveram em alguns trechos deixando o restante do altar se recompor no gôsto já neoclássico. Quanto às varandas entalhadas, elas se situam em dois grupos distintos: no primeiro grupo se reúnem aquelas derivadas diretamente, por cópia, das existentes no Mosteiro de São Bento de Olinda, e no outro grupo as da capela-mor em talha cuja linguagem é nitidamente de meados do século XIX.

A abóbada de arestas da capela-mor é similar, embora apenas geomètricamente, à do Carmo do Recife. Tem, no entanto, uma talha aplicada que a distancia marcadamente daquela citada. Com me-

dalhões se decoram os panos da abóbada cujas arestas são também entalhadas.

Na sacristia é interessante a forma como se fundiu no seu mobiliário a ornamentação rococó de entalhe fino, delicado, à pujante talha, influenciada pelo altar-mor de São Bento de Olinda, assim é que, em uma mesma peça, como os repositórios, constatamos essa fusão.

A sacristia de São Pedro dos Clérigos ocupa, em dimensões, toda a largura do edifício e é um exemplo típico desse partido de planta tão freqüente em nossa região.

Repetindo, mais uma vez, a solução de São Bento de Olinda, isola, em construção própria, o lavabo, adquirido em Portugal.

Há uma relação enorme, sob o ponto de vista espacial, entre as sacristias de ambas as igrejas citadas.

JOSE LUIZ MOTA MENEZES

CRONOLOGIA DAS OBRAS

1700 — 26 de junho — «Presidindo a universal igreja o Santo Padre Inocência XII, sendo Bispo desta Diocese o Exmo. e Revmo. Senhor D. Frel Francisco de Lima, Deão da Catedral de Olinda o Cônego Francisco Martins Pereira, vigário do Recife o Padre Francisco da Fonseca Rego, tendo o cetro português o Rei D. Pedro II, governando esta conquista D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro aos 26 de junho de 1700, reunidos os clérigos desta cidade, sob a presidência do Bispo D. Fr. Francisco de Lima, na Matriz do Corpo Santo, às 11 horas da manhã, instituíram uma irmandade eclesiástica, debaixo da proteção do príncipe dos apóstolos São Pedro, com a aprovação do mesmo Exmo. Prelado e procedendo-se a eleição para o primeiro provedor, foi eleito o Bispo D. Fr. Francisco de Lima, cargo que exerceu até 29 de abril do ano de 1704, dia em que faleceu».

Pio, Resumo histórico...

1719 — 24 de junho — «A Idéia da construção da Igreja de São Pedro predominava, por assim dizer, desde a época da incorporação da Irmandade, no ano de 1700, e para o que, comprara em 24 de junho de 1719 uma horta e seis moradas de casas situadas no meio da Rua das Águas Verdes, no

Bairro de Santo Antônio da Vila do Recife, pela quantia de 2:620\$000 ao Padre Agostinho Cabral, Vigário de Serinhães, ao ajudante Pascoal Coelho de Freitas, e sua mulher d. Catarina Cardoso, e aos herdeiros do sargento-mór Belchior Alves Camelo, possuidores dos referidos bens».

Costa, *Anais pernambucanos*.

- 1728 — 6 de março — «Termo de se fundar a nossa Igreja» «Aos seus... do mês de março de mil setecentos e vinte e oito annos sendo nessa Igreja de Nosso Senhora do Parahiso do Hospital desta Villa de Santo Antonio do Recife e... me... junta Nós o R. Provedor e mais R.R. Irmãos da Venerável Irmandade d..... Padre Principe dos Apostolos São Pedro atendendo o quanto lhe util e proveitozo fazermos a nossa Igreja, para mayor gloria de Deus Nosso Senhor, veneração do culto divino, serviço de Nosso Santo e proveito nosso, todos uniformes e concordes, determinamos se lhe dê principio na forma da planta que fes o mestre Manoel Ferreira com parecer do Tenente General João de Macedo Corte Real, do Sargento-mor engenheiro Diogo da Sylveira Vellozo e do Capitão Francisco Mendes, todos pessoas que consultamos e que sôbre a materia podi... fallar e dar seu parecer; e como a dita nossa Igreja deve ser o alvo de nossos... e o melhor objeto a que se devem dirigir, e encaminhar todos os... des... determinamos outrosy que urbana e politicamente fossem convocados todos os nossos R.R. e Charissimos Irmãos em geral, como de fato se convocarão para lhe darmos a saber da nossa determinação, para que no dia que... ha de assignar para fundação da primeira pedra se achem presentes para com o... do nosso, se faça com todo o lustre, e aplauso. De que o R. Provedor que de presente serve, mandou fazer este termo em que assignou e todos os mais R.R. e Charissimos Irmãos que presentes se achavão. E eu o Padre Manoel Pereira Escrivão de Mesa fiz escrever e subscrevi.»

Mello, Manuel Ferreira Jácome....

«Em mesa de 6 de março de 1728 resolveu a irmandade dar começo às obras de construção da Igreja, segundo a planta feita pelo arquiteto Manuel Ferreira Jácome, aprovada com os pareceres dos officiaes de engenheiros tenente coronel João de Macêdo Corte Real, sargento-mor Diogo da Sylveira Vellozo, e o Capitão Francisco Mendes, pessoas consultadas, e que sôbre a matéria podiam falar e dar o seu parecer.»

Costa, *Anais pernambucanos*.

- 1728 — 3 de maio — «E impetrando a irmandade do bispo diocesano a competente licença, concedida por Provisão de 3 de

abril, no dia 3 de maio tem lugar a solenidade do lançamento da pedra fundamental do templo, pelo bispo D. Fr. José Fialho, sendo provedor da irmandade o padre Bento de Souza Coelho».

Ibid.

- 1729 — 28 de junho — «Prosseguindo então com regularidade as obras de construção da Igreja, para o que foram demolidas as casas compradas e aproveitadas uma grande parte dos materiais resultantes, já estavam tão adiantadas no ano seguinte de 1729, que concluídas as da capela-mor, sacristia e consistório, teve lugar a bênção do novo santuário no dia 28 de junho, ministrada pelo bispo D. Frei José Fialho; à tarde, a transladação procissional da imagem de São Pedro da Igreja do Hospital do Paraíso, onde até então funcionou a irmandade, no dia seguinte à celebração da sua primeira festa, sendo todos êsses atos revestidos de aparatosa solenidade».

Ibid.

- 1731 — «Prosseguindo as obras de construção do corpo da Igreja, iniciadas em 1731, pelo bispo D. Frei José Fialho então provedor da irmandade, terminaram pelos anos de 1759, com a parte central da fachada do templo, faltando somente as duas tôres laterais que foram posteriormente construídas, para uma das quais mandou a irmandade vir de Lisboa um sino grande com o peso de 50 arrôbas.»

Ibid.

- 1746 — «A Imagem de São Pedro, de tamanho natural, trajando vestes pontificiais, e esculpida em madeira, foi feita em Lisboa em 1746; e a cruz pontifical, de prata, de um belo trabalho artístico, foi executada em Pernambuco, nessa época, pelo ourives Antonio Rodrigues Machado.»

Ibid.

- 1759 — Terminadas as obras do corpo da igreja.

Ibid.

- 1760 — 14 de junho — «O teto da Igreja de São Pedro dos Clérigos do Recife, talvez o mais notável dos trabalhos históricos de Pernambuco, foi uma das obras imortais dêsse exímio Sepúlveda, que além de habilíssimo pintor, era também músico muito apreciado, no tempo em que viveu. Em reunião de 14 de junho de 1760, foi chamado dito pin-

tor a comparecer perante a mesa reunida, fechando contrato com a Irmandade de São Pedro para a pintura do mencionado fôrro. Em reunião de 16 de agosto do mesmo ano, a Mesa resolveu que se devia exigir do artista determinada fiança, a que não quis o mesmo submeter, suspendendo, dê-se modo, as obras já iniciadas, por pequeno espaço de tempo. Não nos falamos as atas nem documentos outros sôbre o desenrolar dêsse impasse; sabemos apenas, que o pintor determinou sua obra. Quatro anos durou o penoso serviço que custou a Sepúlveda, horas de grandes sacrifícios: deitado numa táboa, suspensa em carretéis, Sepúlveda, de manhã à noite combinava tintas e pintava com paciência e tenacidade surpreendentes. O Trabalho foi empreitado por... 450\$000, importância paga em três parcelas, dando a Irmandade as tintas que vieram de Lisboa. O custo da obra, tal era o espírito da época, serviu de temas às conversas da cidade por ser considerado soma elevadíssima.»

Pio, *Resumo histórico*...

«Concluído o fôrro da Igreja, com o qual se dispendeu a quantia de 1:200\$000, começou logo a obra de pintura, confiada ao habilíssimo profissional João de Deus Sepúlveda e justa por 450\$000, fornecendo a Irmandade toda a tinta necessária, *na forma do risco que havia apresentado, e fora visto com a melhor perfeição que se pôde fazer em obra tão pública e de tanto pulso.* Nêsse trabalho de pintura do fôrro estava também incluída a dos arcos, cornijas e côro.»

Costa, *Anais pernambucanos*

- 1781 — «A Sacristia foi inaugurada em 1781, com o altar e a imagem, em vulto natural, de Nossa Senhora da Soledade, doada pelo Padre Inácio Francisco dos Santos, que exercera o cargo de provedor da Irmandade de 1777 a 1778, sendo sua túnica, diadema e demais objetos do vestuário, doados pelo padre Manuel Lourenço Souto.»

Ibid.

- 1782 — Janeiro 30 — Bêção solene da Igreja de São Pedro dos Clérigos da cidade do Recife, ministrada pelo Bispo diocesano D. Tomás da Encarnação Costa Lima, que então exercia o cargo de provedor da respectiva irmandade, tendo lugar em seguida a celebração de uma missa solene, cantada pelo Deão Dr. Manuel de Araújo C. de Carvalho Gondim, sendo tais atos aparatosamente celebrados com assistência do Governador da Capitania, o General José César de Menezes, e das principais autoridades, do cabido da Catedral de Olinda e de um grande concurso de sacerdotes. Todas as despesas do Padre Nicolau Vaz Salgado. Começam

do desde logo a celebração regular dos atos religiosos no nôvo templo com a devida solenidade. e criado o lugar de mestre-de-capela, foi nomeado para o exercer um artista competente, o Major Luis Alves Pinto.»

Ibid.

Livro de receita e despesa da obra de talha da capela-mor, 1860-65.

As obras começam em 12 de fevereiro de 1860 sob a direção do mestre entalhador Domingos José Barreiro, que morre em 22 de setembro de 1860, pelo que foram elas interrompidas, em 13 de maio de 1861 foram reiniciadas sob a direção do nôvo mestre entalhador Joaquim Alves Gomes Veludo.

Pág. 3. Em data de 24.III-1860, pagou-se «Ao estrangeiro STAHL, de copiar o risco da Capela-mór de S. Bento de Olinda». 50\$000»

Pag. 31. Em data de 3.III-1862, pagouse «De hum caro para os artistas (entalhadores) irem a S. Bento em Olinda».....12\$000».

Livro de atas 1854 — 81.

Fls. 16 ata de 26.X.1858 — o Padre Joaquim Rafael da Silva diz da necessidade de obras de vulto na igreja e pede a nomeação de uma comissão para vistoria. É adiada a questão.

Fls. 17 Ata de 4.XI.1858 — Nomeia-se uma comissão para examinar as obras de que precisa a igreja: Padres Joaquim Rafael da Silva, José Antônio dos Santos Lessa e Inácio Francisco dos Santos.

Fls. 17 versos Ata de 16.XII.1858 — A Comissão apresenta o resultado da vistoria feita: «A Comissão encarregada de examinar o estado da Igreja, acompanhada de dois peritos, passou a fazer o conveniente exame, do qual resultou descobrir-se o estado de ruina nas entalhas de todos os altares, ruina que não admite reparos, porque quando estes se intentassem seriam de curta duração, com manifesto desperdício da despeza que com elles se fizesse, porém que todavia os seis altares laterais ainda se podião conservar por algum tempo no estado em que se achão; mas que sôbre o altar mor seria urgente cuidar-se com a maior brevidade por isso que a ruina é tal que está ameaçando que quando menos se esperar apareça o desabamento, do qual podem resultar graves danos». («Decidiu-se convocar Mesa Geral para decisão do assunto.»)

Fls. 19 — Ata da Mesa Geral, em 12.V.1859 — A Mesa aprovou as obras da entalha da capela-Mor e depois da dos altares laterals, nomeada comissão permanente para se encarregar de sua direção.

O «estrangeiro Stahl» era o fotógrafo alemão Augusto Stahl, chegado ao Recife a 31.XII.1853, vindo da Europa no vapor inglês «Thames». (*Diário de Pernambuco*. Recife, 2 jan. 1854.)

Deixa Pernambuco, transferindo-se para o Rio, no dia 4 de fevereiro de 1862, no vapor brasileiro «Paraná». (*Diário de Pernambuco*. Recife, 6 fev. 1862.)

Irmandade de São Pedro dos Clérigos. Recife. *Livro de receita e despesa*. Ms. Id. *Livro de atas*. Ms. (Pesquisa e leitura do Prof. José Antônio Gonçalves de Mello. Arquivo do DPHAN, 1.º Distrito.)

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, F. A. Pereira da. *Anais pernambucanos*, Recife, Arq. Púb. Est. de Pernambuco, s.d.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de. Manoel Ferreira Jácome, arquiteto e juiz do ofício de pedreiro. *Rev. da Esc. de Belas Artes de Pernambuco*. Recife, 1 (1), 1957.
- PIO, Fernando. *Resumo histórico da Igreja de São Pedro dos Clérigos*. Recife, Prefeitura Municipal, Arquivo, s.d.
- . Recife, Col. Emetur, 1969.
- SANTOS, Reynaldo dos. A pintura dos tectos no Século XVIII em Portugal. *Rev. e bol. da Acad. Nac. de Belas Artes*. Lisboa. (18): 13-22, 1962.
- SMITH, Robert C. «Arquitetura colonial». In: *As artes na Bahia*. Salvador, Liv. Progresso, 1955.
- . Santo Antonio do Recife. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis, 7, 1946.